

ARAPUCA



Daniel Cabral

SINOPSE

O personagem principal desta história é um menino que, transformando lixo em arte, cria um painel na parede do quarto e passa então a ser admirado por toda a vizinhança. Um dia, entretanto, a beleza do canto de um pássaro acaba desviando o interesse das pessoas, o que o deixa muito descontente e o leva a procurar alguma saída para prender a atenção de todos. Será que ele consegue?

Graciosa e instigante, esta narrativa visual recria o conto “O rouxinol e o imperador”, do escritor dinamarquês Hans Christian Andersen, trazendo como pano de fundo uma paisagem bem brasileira e retratando uma realidade que nos é bastante familiar.

PALAVRAS DO AUTOR

Minha brincadeira com desenhos e cores começou quando ainda era garoto, em Ribeirão Preto, interior de São Paulo. Lembro de quando eu tinha quatro anos e minha mãe, que trabalhava como cabeleireira, recebeu em casa uma cliente que me trouxe de presente uma caixa de lápis de cor. Um presente inesquecível! Hoje moro em Curitiba, onde ando fazendo ilustrações há quase 15 anos.

Arapuca é uma narrativa visual baseada em “O rouxinol e o imperador”, de um grande escritor de histórias para crianças chamado Hans Christian Andersen.

Na história de Andersen, um imperador chinês descobre em seu reino um rouxinol que deixa todos fascinados pela beleza de seu canto. Já neste livro, o imperador foi transformado num menino que constrói seu “reino” reaproveitando coisas encontradas no lixo. Por esse motivo, quis fazer as ilustrações utilizando caixas de papelão, embalagens, garrafas plásticas, arame e muito papel, ou seja, coisas que iriam pro lixo. Vieram pro livro.

O próprio Andersen gostava de criar imagens recortando papéis. Por isso, em homenagem a ele, inseri alguns desses recortes no mural feito pelo menino. É só procurarem lá, que vão encontrar!

Também faço uma homenagem aos artistas que expressam suas artes nas ruas para todos verem. Incluí no mural figuras que encontrei em tapumes e velhas paredes da cidade, imagens que estão por aí, espalhadas, nos passando suas mensagens e se transformando com o tempo.

Espero que todos gostem!

FICHA TÉCNICA

Formato: 24 x 24 cm

Número de páginas: 48

Coleção: *História à vista!*

ISBN: 978-85-385-1444-2

Indicação: A partir de 8 anos

ARAPUCA



Daniel Cabral

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

ARAPUCA



Daniel Cabral

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense — quando for o caso — a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem — o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. — para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser

ARAPUCA



Daniel Cabral

uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do

ARAPUCA



Daniel Cabral

escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

ARAPUCA



Daniel Cabral

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

ARAPUCA



Daniel Cabral

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.

O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.

◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papyrus, 1998. p. 151-170.

Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.

◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.

Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.

◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.

De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).

◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.

O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

ARAPUCA



Daniel Cabral

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Apresente o livro, solicitando aos alunos que o folheiem e que observem a capa. Proponha um levantamento de hipóteses sobre o conteúdo da obra, orientando para que falem sobre o que “salta aos olhos” nesse primeiro contato.

Pergunte às crianças se sabem o que é uma arapuca, palavra que compõe o título do livro. Busquem mais significados dessa palavra no dicionário.

2. Comente com as crianças que o livro Arapuca trata, dentre outros assuntos, do lixo e do seu reaproveitamento. Converse com elas sobre a reutilização do lixo e sobre os catadores de papel. O que se pode fazer com papéis, papelões, plásticos e outros materiais que normalmente descartamos? Para onde os catadores de lixo levam esses materiais ao fim do dia?

DURANTE A LEITURA

1. Após a leitura integral da obra, pergunte: é uma narrativa? Por quê? Converse com os alunos sobre o fato de que, apesar de não estarem diante de um texto verbal, existe ali uma história sendo contada, com características da narrativa: personagens, espaço, tempo e enredo. Explore esses aspectos.

Quem é o personagem principal? Apesar de não sabermos seu nome, identificamos que é um menino. O que mais o livro revela sobre esse garoto? Oriente a discussão levando as crianças a perceberem que esse personagem pode ser irmão ou filho de um catador de papel, por exemplo. Solicite que comentem também seu comportamento, questionando: ele normalmente brinca com as outras crianças? Como é possível perceber isso?

2. Explore também o espaço da narrativa. Onde acontece a história? Voltem às páginas 4 e 5 e conversem sobre a exposição panorâmica do espaço logo no início, dando ao leitor uma visão “aberta” do local. Peça aos alunos que apontem os personagens que aparecem nessas primeiras páginas e também outras informações que acharem relevantes.

3. Peça aos leitores que busquem as palavras que representam o som das batidas do martelo: “TOC TOC TOC TOC TOC” (página 8). Depois, abra uma discussão sobre diferentes linguagens e símbolos existentes na narrativa (imagens, palavras, notas musicais, pontos de interrogação). Analise a função de cada um deles no contexto. Que papel desempenham em uma narrativa não-verbal?

4. As crianças da redondeza e os pais do menino ficam admirados com a criação dele. No quadro, organize uma lista dos elementos visuais mais evidentes no painel montado pelo garoto. Pergunte de onde, provavelmente, essas imagens foram tiradas. Selecione alguns dos elementos e peça que os leitores conversem sobre os motivos que podem ter levado o garoto a colá-los no painel.

ARAPUCA



Daniel Cabral

Leve-os a imaginar, por exemplo, o porquê da presença de vários meios de transporte: o zepelim, as bicicletas, a estrada, os carros.

Solicite aos leitores que analisem o mural nas páginas 9,10 e 11. Quais palavras sobressaem? Essas palavras podem significar algo especial para o garoto? E as outras palavras e expressões?

Como são as expressões dos rostos do mural? As imagens que o protagonista colou podem representar alguns desejos que possui? Quais? Será que há alguma celebridade no mural do garoto? E nas outras colagens existentes no livro? Proponha uma busca de figuras conhecidas no tronco da árvore que aparece em algumas ilustrações.

5. O menino sai de casa em apenas dois momentos. Quais são eles? Sugira uma busca das imagens que revelam esses momentos. Qual a diferença entre o espaço externo e interno? Observem a página 28: quem parece estar dentro da arapuca? Converse sobre as duas possibilidades de visualização da ilustração: é o pássaro que está preso na arapuca ou o menino?

Abra uma discussão sobre o que o garoto busca quando prende o pássaro. Incentive a formulação de hipóteses, levando os leitores a perceberem seu desejo pela atenção de seus pais e das crianças e o sentimento que ele acaba nutrindo pelo pássaro: admiração e vontade de ter, de alguma forma, aquela alegria e liberdade.

Voltem à página 34 e observem que o pássaro, mesmo estando preso na gaiola, aparece voando livre entre as notas e desenhos de seu canto, e que o menino vai atrás, como se também estivesse voando. Pensando na história como um todo, é possível dizer que o garoto também caiu em uma arapuca? Por quê? Foi bom ou ruim para ele? Como sabemos disso?

Chame a atenção para a figura do garoto que espia o lado de fora através da janela na ilustração das páginas 5 e 6. Essa janela lembra muito a arapuca que ele preparou para o pássaro (ver imagem da página 28). Conduza a análise a fim de que os leitores percebam que as crianças, na ilustração da página 9, vão até o garoto e o observam de fora, assim como as pessoas observam um pássaro dentro da gaiola. Em determinado momento, o garoto revela, sutilmente, um desejo de também estar lá fora. Peça aos leitores que identifiquem esse momento nas imagens do livro.

DEPOIS DA LEITURA

1. Leia com as crianças o livro *A menina, a gaiola e a bicicleta*, que também aborda questões como liberdade e amizade, revelando que “quem carrega gaiolas, olha sempre pra trás”. Esse livro de Rubem Alves relaciona-se também com *Arapuca* por retratar o apego do pássaro às pessoas que dele cuidavam quando estava preso e por oferecer material para discussões sobre o olhar de cada um sobre o mundo. Rubem Alves, na referida obra, revela que o texto veio depois das imagens, criadas por bordadeiras: “O Verbo veio depois (...). Eu ilustrei os bordados com as palavras.”

A exemplo do autor de *A menina, a gaiola e a bicicleta*, proponha aos leitores que “ilustrem com palavras” uma das imagens de Daniel Cabral, em uma folha separada. Depois, peça que troquem as folhas entre si. Cada criança deverá encontrar no livro a imagem correspondente àquelas palavras.

ARAPUCA



Daniel Cabral

2. O livro *Pedro*, de Bartolomeu Campos de Queirós, apresenta como protagonista um garoto que cria, a partir da imagem de uma borboleta, um mundo todo seu. Pedro, assim como o garoto de *Arapuca*, fica fascinado com tanta beleza, e a borboleta o ensina a magia da libertação. Relacione a borboleta com o pássaro da obra de Daniel Cabral, que leva o menino a perceber como a participação ativa no mundo “lá fora” também pode ser muito prazerosa e criativa.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Lindsey Rocha